

# Soluções baseadas na natureza, ou seduções baseadas na natureza?

Uma análise do perigoso mito de que as soluções baseadas na natureza são suficientes para mitigar as alterações climáticas



OUTUBRO DE 2020

**TWN**  
Third World Network



# TWN

Third World Network

A Rede do Terceiro Mundo (Third World Network, TWN) é uma organização internacional independente sem fins lucrativos de investigação e ativismo que procura promover uma maior articulação das necessidades, aspirações e direitos dos povos do Sul e fomentar um desenvolvimento justo, equitativo e ecológico.

[www.twn.my](http://www.twn.my)

131 Jalan Macalister, 10400 Penang, MALÁSIA

Tel: 60-4-2266728/2266159 • Fax: 60-4-2264505 • Email: [twn@twnetwork.org](mailto:twn@twnetwork.org)



O Centro Africano para a Biodiversidade (African Centre for Biodiversity, ACB) é uma organização de investigação e ativismo que trabalha em defesa da soberania alimentar e da agroecologia em África, com enfoque na biossegurança, nos sistemas de sementes e na biodiversidade agrícola. A organização está empenhada em acabar com as desigualdades e resistir à expansão industrial empresarial sobre os sistemas alimentares e agrícolas do continente africano.

[www.acbio.org.za](http://www.acbio.org.za)

PO Box 29170, Melville 2109, Johannesburg, ÁFRICA DO SUL.

Tel: +27 (0)11 486 1156



O conteúdo desta publicação pode ser republicado ou reutilizado gratuitamente para fins não comerciais, exceto quando indicado de outra forma. Esta publicação está registada sob uma Licença Creative Commons Attribution-NonCommercial-ShareAlike 4.0.

Investigado e escrito por Doreen Stabinsky, professora de política ambiental global no College of the Atlantic em Bar Harbor, Maine, EUA

Editor de cópia: Liz Sparg

Desenho de layout e gráficos: Adam Rumball, Sharkbuoys Designs, Johannesburg

## Agradecimentos

Este artigo foi produzido com uma contribuição financeira parcial do SwedBio/Stockholm Resilience Centre.



*O termo “soluções baseadas na natureza” (SbN) é muito utilizado, mas não tem uma definição clara. Possui diversos significados para diferentes pessoas, incluindo muitas ações e abordagens positivas, tais como a agroecologia e a restauração dos ecossistemas. No entanto, um grupo de entidades está a utilizar o termo para impulsionar uma agenda específica relacionada com a biodiversidade e as alterações climáticas, cuja compreensão é essencial para percebermos as questões políticas relacionadas às SbN na atualidade. Este artigo pretende descrever essa agenda e a forma como faz uso das SbN.*

## Origens, distorções e mitos

Em 2016, a União Internacional para a Conservação da Natureza (UICN) introduziu o termo “soluções baseadas na natureza” no discurso global sobre a conservação. A UICN define as “soluções baseadas na natureza” como “ações para proteger, gerir de forma sustentável e restaurar os ecossistemas naturais ou modificados, abordando os desafios sociais de forma eficaz e adaptativa, de modo a proporcionar simultaneamente benefícios para o bem-estar humano e para a biodiversidade”.<sup>1</sup> Num aprofundamento recente, a organização faz referência a sete desafios que precisam ser abordados pelas SbN: mitigação e adaptação às alterações climáticas, redução do risco de catástrofes naturais, desenvolvimento económico e social, saúde humana, segurança alimentar, segurança no acesso à água e reversão da degradação dos ecossistemas e da perda de biodiversidade.

Embora as suas origens residam em debates políticos mais alargados em torno da conservação da natureza, mais recentemente a discussão sobre as SbN tem-se centrado no desafio das alterações climáticas e em como tais soluções podem contribuir para a mitigação, adaptação e redução do risco de

catástrofes. Entre essas áreas, a mitigação das alterações climáticas é a que tem recebido maior atenção. Essa atenção ganhou ímpeto com a publicação de um artigo científico de 2017 sobre “Soluções Naturais para o Clima”, que defendia que essas soluções — através da redução das emissões dos ecossistemas naturais e agrícolas ou de um maior sequestro de carbono pelos mesmos — poderiam contribuir com mais de um terço dos esforços globais de mitigação necessários até 2030.<sup>2</sup> Embora essa constatação em particular tenha uma aplicação limitada,<sup>3</sup> o valor de 37% é muito citado como a possível contribuição das soluções baseadas na natureza para mitigar as alterações climáticas.

Um estímulo adicional, e provavelmente mais significativo, para a atenção dada às SbN é o mito de que o sequestro de carbono pela natureza poderia contrabalançar (ou, nos termos técnicos do mercado de carbono, compensar) a queima incessante de combustíveis fósseis.

Este é um mito particularmente perigoso se quisermos alcançar o objetivo do Acordo de Paris de limitar o aumento da temperatura média global a bem menos de 2°C e manter os esforços para limitar o aumento da temperatura a 1,5°C acima dos níveis pré-industriais. A ciência sobre o tema

1. <https://www.iucn.org/theme/ecosystem-management/our-work/iucn-global-standard-nature-based-solutions>

2. <https://www.pnas.org/content/114/44/11645>

3. O artigo examina 20 práticas específicas que envolvem a proteção, restauração e gestão de ecossistemas naturais e agrícolas, dentre as quais as que têm maior potencial de mitigação são a reflorestação e a prevenção da conversão florestal. No entanto, o valor de 37% citado no artigo só se aplica ao potencial para a próxima década. Depois disso, o potencial dessas práticas diminui rapidamente por várias razões, incluindo a saturação, a permanência, a área finita dos ecossistemas onde o carbono poderia ser armazenado e a escala da descarbonização quase total das economias que, em última análise, é necessária para limitar o aquecimento a 2°C ou 1,5°C.



é extremamente clara — para alcançar esse objetivo será necessário descarbonizar as nossas sociedades **e também** aumentar as capacidades de remoção e fixação de carbono nos ecossistemas do planeta ao longo das próximas décadas. A descarbonização exige que **deixemos** de utilizar combustíveis fósseis (carbono) para mover as nossas economias. Já não resta tempo para permitir que alguns continuem a queimar combustíveis fósseis enquanto se espera que a natureza, de alguma forma, “compense” essa queima.

## Soluções ou seduções?

Existem atualmente muito poucas formas de remover o carbono da atmosfera. Tais possibilidades encontram-se na natureza — no potencial de fixação de carbono de árvores, solos, zonas húmidas e prados.<sup>4</sup>

As contribuições da natureza para a remoção de carbono, quando utilizadas de forma **complementar** aos esforços de descarbonização, são fundamentais para alcançar o objetivo do Acordo de Paris. Contudo, a ideia de que as remoções poderiam compensar as contínuas emissões noutras locais é uma mera sedução. As compensações não reduzem a concentração global de dióxido de carbono na atmosfera; na melhor das hipóteses, resultam em zero emissões líquidas.

Temos de aprender a separar as verdadeiras **soluções** baseadas na natureza das **seduções** baseadas na natureza, tais como as compensações de carbono. Não há aqui soluções milagrosas. Para combater as alterações climáticas é preciso **tanto** acabar com a queima de combustíveis fósseis **como** fazer tudo o que estiver ao nosso alcance para retirar da atmosfera o carbono oriundo

4. Há quem veja, no futuro, um papel crescente para opções tecnológicas como o melhoramento do clima, a captura direta no ar ou a bioenergia com captura e armazenamento de carbono (BECCS, na sigla em inglês). Mas essas opções não são viáveis numa escala útil neste momento. A utilização de abordagens de geoengenharia para a remoção de dióxido de carbono é, de facto, um elemento muito importante no debate sobre a mitigação das alterações climáticas, mas esta discussão está centrada nas SbN.

das emissões fósseis, acumulado ao longo do último século.

A queima de combustíveis fósseis adiciona novo carbono (que podemos chamar de carbono fóssil) à atmosfera — carbono que estava enterrado nas profundezas da terra e que, portanto, não faz parte do ciclo natural de carbono do planeta (o carbono terrestre) há milhões de anos. Sim, o ciclo de carbono terrestre absorverá parte desse carbono fóssil. Mas a terra (solos, florestas, prados, ou seja, a “natureza”) não absorverá todo o carbono que estamos a emitir com a queima de combustíveis fósseis, nem o fará nas escalas de tempo mais longas, que são importantes para o clima.

O **acúmulo** constante de dióxido de carbono na atmosfera como resultado da queima de combustíveis fósseis é o cerne do problema climático e é crucial ao considerarmos as “soluções” para este problema. O dióxido de carbono tem um tempo de residência na atmosfera de centenas a milhares de anos e continua a acumular-se com a queima contínua de combustíveis fósseis. As verdadeiras soluções para as alterações climáticas dependem da interrupção completa das emissões de carbono fóssil e do sequestro do carbono já emitido durante **centenas a milhares de anos**.

O carbono sequestrado no ciclo do carbono terrestre não é fixado permanentemente, e certamente não numa escala temporal de centenas a milhares de anos. Está sujeito a reversões, incluindo reversões induzidas pelo clima, como se espera que aconteça com o aquecimento dos ecossistemas: as florestas degradam-se em razão da seca, do calor e dos incêndios; os solos e prados perdem carbono à medida que as temperaturas aumentam; as zonas húmidas perdem carbono ao se secarem. Os ecossistemas naturais e agrícolas podem, de facto, desempenhar um papel muito importante no sequestro de carbono, mas não são soluções a longo prazo para as alterações climáticas.

## A sedução das compensações baseadas na natureza

As grandes empresas, em particular as de combustíveis fósseis e os interesses agroindustriais, estão a aumentar os seus investimentos nas SbN. Os principais participantes no mercado de combustíveis fósseis afirmam explicitamente que estas “soluções” irão compensar a sua venda continuada de combustíveis fósseis. A Shell afirma que “pretende fazer investimentos significativos em projetos que utilizam a natureza para reduzir as emissões de CO<sub>2</sub>”, com a clara intenção de que “estes projetos possam levar à comercialização e venda de créditos [de compensação] de carbono”. O gigante italiano dos combustíveis fósseis Eni pretende aumentar a sua produção de petróleo e gás em 3,5% por ano até 2025, e então propõe reduzir a sua pegada de carbono em 80% até 2050, utilizando 30 milhões de toneladas por ano de compensações de carbono até 2050 com projetos de conservação de florestas primárias e secundárias.<sup>5</sup>

Grandes organizações de conservação sediadas nos EUA, tais como Conservation International, Environmental Defense Fund e The Nature Conservancy, têm formado parcerias com as maiores empresas de combustíveis para “pintar de verde” as suas ações para limpar a sua imagem. Estes três grupos têm em comum uma posição favorável às compensações e aos mercados de carbono em suas organizações. Juntamente com as grandes empresas de combustíveis fósseis, demonstram grande interesse em promover os mercados de compensação de carbono.

5. <https://www.shell.com>; <https://www.eni.com/en-IT/media/press-release/2020/02/long-term-strategic-plan-to-2050-and-action-plan-2020-2023.html>





## *Greenwashing* e o colonialismo do carbono

Os mercados de carbono e os mitos da compensação são muito úteis para aqueles que pretendem continuar a fazer negócios como de costume. O mesmo ocorre com os projetos de compensação baseados na natureza, que podem tanto esconder as emissões como pintar de verde a imagem dos grandes emissores, por exemplo, através das tão difundidas campanhas de plantação de árvores. À medida que aumenta a necessidade de tais projetos de *greenwashing*, as SbN no

Sul global são priorizadas em razão de sua “natureza” fotogénica e carismática.

O colonialismo do carbono é outro termo utilizado para descrever esta prática de procurar “soluções” para as próprias emissões nas terras e florestas de outros povos. O termo “soluções baseadas na natureza” deve levantar uma série de questões: **Soluções para o quê? Quem são os responsáveis pelos problemas que se pretende resolver? Quem lucra com a “solução”? Quem colocou o carbono na atmosfera em primeiro lugar, e quem deve ser responsável pela sua remoção?**



## O que fazer?

As SbN são um elemento central das estratégias da indústria de combustíveis fósseis para esconder os seus planos de continuar a extrair e vender os seus produtos, apesar do claro consenso científico de que a descarbonização é a única maneira de interromper as alterações climáticas.<sup>6</sup>

Mas o rei está nu. As compensações não reduzem as emissões e não são uma solução para os problemas do clima. A indústria dos combustíveis fósseis procura limpar a sua imagem enquanto as suas práticas continuam a aumentar a quantidade de dióxido de carbono na atmosfera.

Enquanto a indústria percorre o mundo em busca de florestas, prados e solos para colonizar pelo seu potencial de fixação de carbono, pintando de verde a sua imagem com belas fotografias destas “soluções” baseadas na natureza, as suas operações são diretamente responsáveis pelos impactos climáticos que ameaçam a própria biodiversidade na qual se baseiam tais “soluções”. Estes projetos já envolvem a usurpação de terras, ataques aos direitos

humanos e impactos na subsistência dos povos indígenas e comunidades locais, que só irão aumentar à medida que as indústrias procuram adquirir ecossistemas naturais para absorverem as emissões de carbono com que poluem o mundo.

Para proteger o planeta e as pessoas, temos de reconhecer e rejeitar o *greenwashing*, os mercados de carbono e o mito da compensação do carbono que subjazem à agenda empresarial para as SbN. Apoiamos a proteção da biodiversidade por muitas razões, e uma delas é o facto de que os ecossistemas são importantes para o sequestro de carbono. Verdadeiras ações de apoio à biodiversidade serão fundamentais para alcançar o objetivo do Acordo de Paris, inclusive através da proteção dos ecossistemas ricos em carbono e das comunidades cuja subsistência deles depende. Se houver a possibilidade de dissociar as SbN das compensações, alterando o enfoque para a proteção dos ecossistemas, dos direitos e dos meios de subsistência, então será possível apoiar tais opções baseadas na natureza. Quando as SbN são utilizadas como compensações, não passam de seduções baseadas na natureza.

6. Os governos também demonstram grande interesse em adotar as SbN como parte dos seus esforços de mitigação. Os princípios que devem seguir são os mesmos – as SbN devem ser utilizadas **em paralelo** e como complemento aos esforços de descarbonização, e não como meio de esconder a omissão. Os governos podem tentar esconder as persistentes emissões atrás de promessas de “zero emissões líquidas”, em que as remoções e emissões são somadas para dar melhor aparência à meta para as emissões “líquidas”. Se estas metas não se basearem no princípio de priorizar a descarbonização, o resultado final será semelhante ao que observamos no caso da compensação, isto é, os governos acabam por soar muito mais verdes do que realmente são, e assim continuaremos num caminho que excederá em muito a meta de limitar o aquecimento a 2°C.